

**A IMPORTÂNCIA DA PESSOA IDOSA/AVÓS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: ESTRATÉGIAS E VIVÊNCIA EXITOSA DE INCLUSÃO**

**THE IMPORTANCE OF ELDER/GRANDPARENTS IN EARLY  
CHILDHOOD EDUCATION: STRATEGIES AND SUCCESSFUL  
INCLUSION EXPERIENCE**

**LA IMPORTANCIA DE ANCIANOS/ABUELOS EN EDUCACIÓN  
INFANTIL: ESTRATEGIA Y EXPERIENCIA EXITOSA DE  
INCLUSIÓN**

*Cláudia Daniele Barros Leite Salgueiro<sup>1</sup>*

*Cristina Maria de Souza Brito Dias<sup>2</sup>*

*Larissa de Siqueira Coelho<sup>3</sup>*

**RESUMO:** Este artigo reflete sobre a importância da pessoa idosa no processo de educação pré-escolar e expõe situações exitosas. Analisa questões e fundamentos teóricos relacionados às temáticas dos direitos humanos, inclusão e apoio social. O presente estudo é de caráter qualitativo descritivo e utilizou amostra intencional. O trabalho de campo lançou mão da observação – de inspiração etnográfica e a análise dos dados foi feita por meio de retratos sociológicos. Os resultados evidenciaram que: os pais mostraram-se satisfeitos com a iniciativa da escola; as crianças e os idosos sentiram satisfação em ficar juntos; os educadores alargaram sua compreensão acerca da inclusão do idoso no contexto escolar e puderam ampliar suas atividades. Acredita-se que esta experiência tem implicações importantes em nível das práticas de formação dos educadores, do trabalho realizado com as famílias e das práticas educativas desenvolvidas na educação pré-escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão. Idosos. Avós. Educação Pré Escolar.

---

<sup>1</sup> Discente do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), mestra em Ciências da Saúde pela Universidade de Pernambuco (UPE/FCM), pós-graduada em Saúde Coletiva pela Universidade de Pernambuco (UPE). Formada em Psicologia (UNICAP) e em Letras (UFPE). Professora de Psicologia dos cursos superiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE). Email: daniele\_leite\_@hotmail.com.

<sup>2</sup> Docente e Coordenadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Doutora e mestra em Psicologia pela Universidade de Brasília, pós graduada em Terapia Familiar e do Casal pelo Centro Brasileiro de Estudos da Família (CEFAM). Professora Adjunto IV, aposentada, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisadora Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPEP), na linha de pesquisa Casal e Família – Estudos Psicossociais e Psicoterapia. Pesquisadora Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2 – CA PS – Psicologia e Serviço Social. Email: cristina.msdb@gmail.com.

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estagiária do Hospital das Clínicas de Pernambuco (HCP). Email: coelholarissa8@gmail.com.

**ABSTRACT:** This article reflects on the importance of the elderly in the early education process and exposes successful situations. Analyzes issues and theoretical foundations related to the themes of human rights, inclusion and social support. This study is descriptive qualitative and used purposive sample. Field work made use of observation - of ethnographic inspiration and data analysis was done through sociological portraits. The results showed that: the parents were satisfied with the school's initiative; children and the elderly felt happy to be together ; educators extended their understanding about the inclusion of the elderly in the school context and were able to expand its activities . It is believed that this experience has important implications in terms of practice of training of teachers, the work done with families and educational practices developed in pre-school education.

**KEYWORDS:** Inclusion. Elder people. Grandparents. Preschool education.

**RESUMEN:** En este artículo se reflexiona sobre la importancia de las personas mayores en el proceso de educación y expone a situaciones de éxito. Analiza las cuestiones y fundamentos teóricos relacionados con los temas de derechos humanos, la inclusión y el apoyo social. Este estudio es cualitativo descriptivo y muestra intencional utilizado. El trabajo de campo hizo uso de la observación de inspiración etnográfica y análisis de los datos se realiza a través de retratos sociológicos. Los resultados fueron: los padres estaban satisfechos con la iniciativa de la escuela; niños y ancianos sintieron felices de estar juntos; educadores extendieron su comprensión acerca de la inclusión de las personas mayores en el contexto escolar y fueron capaces de ampliar sus actividades. Se cree que esta experiencia tiene implicaciones importantes para la práctica de la formación de los docentes, el trabajo realizado con las familias y las prácticas educativas desarrolladas en la educación preescolar.

**PALABRAS CLAVE:** Inclusión. Ancianos. Abuelos. Educación preescolar.

## **Introdução**

Acompanhamos um crescente aumento do interesse por parte de profissionais e da população, em geral, em cada vez mais saber sobre a infância e a velhice. Nesse sentido, observamos que essas temáticas vêm sendo constantemente estudadas por pesquisadores de diversas áreas, principalmente, saúde, educação, ciências sociais e jurídicas, entre outras.

Na atualidade, assistimos também a uma acirrada discussão sobre o papel educativo dos serviços direcionados ao atendimento de bebês e crianças em idade pré-escolar. A relevância das experiências proporcionadas às crianças ao longo dessa fase de vida tem sido enfatizada (ARAÚJO, 2014).

De fato, as temáticas de natureza multi e interdisciplinar constituem campo emergente de estudos, e acompanha-se um significativo aumento nos números absolutos de idosos da população brasileira e divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a cada recenseamento (IBGE, 2013).

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2013, do IBGE, demonstram a tendência de envelhecimento do país. Os dados do IBGE revelam ainda que, no espaço de 12 anos, a proporção de crianças de 0 a 9 anos caiu de 18,7% do total de habitantes,

em 2001, para 13,9% em 2013. Além disso, os números da pesquisa revelam que a quantidade de pessoas idosas no Brasil continua crescendo e vem atingindo contingente nunca antes visto: em 2012, passou de 12,6% da população para 13% de idosos em 2013, isto é, são 26,1 milhões de idosos no país (IBGE, 2013).

Nesse contexto, questionamos: qual é a primeira imagem que vem à nossa mente quando pensamos na figura da criança e do idoso? Passado e futuro? Novo e velho?

Consideremos que pensar o envelhecimento na sociedade em que vivemos pode ser algo cercado de estereótipos, limitações e preconceitos, ao passo que pensar na infância certamente remontará a pensarmos numa fase repleta de possibilidades. Pensemos na força da morfologia das palavras infância e velhice, recordemos ainda das possibilidades de declinação verbal. Viver a infância é descobrir-se, viver a velhice também é uma descoberta. Passado e futuro se descortinam nessa dança transgeracional.

Gomes-Pedro (2004) enfatiza que, quando pensamos em futuro, sob qualquer que seja a dimensão, isso nos obriga a pensar na criança e, sobretudo, nos obriga a refletir se o que hoje investimos nela é suficiente para garantir o melhor do seu futuro que é, por acréscimo, o do seu mundo. Mas, segundo o autor, “esse é o grande desafio da nossa existência impondo, eticamente, uma responsabilidade de atitude a todos os cidadãos do mundo” (GOMES-PEDRO, 2004, p. 33).

Nessa conjuntura, nos vemos pensando em questões concernentes ao acerto e ao erro, à culpa, aos medos, à alegria, às vivências, às brincadeiras, às memórias, às gerações, às comparações e o antagonismo vai se prolongando e mesclando-se às vezes a um saudosismo: infância e velhice se condensam aos sentimentos.

Leontiev (1978) reforça que a idade pré-escolar é o período da vida em que se abre pouco a pouco à criança o mundo da atividade humana que a rodeia, pela sua vivência e, sobretudo, pelos seus jogos. No brincar a criança toma posse do mundo concreto enquanto mundo dos objetos humanos e formais com o qual reproduz as ações humanas. Desse modo, a criança estimula aspectos da imitação e imaginação, e essas são ações importantes na transição dos estágios infantis. Nesse aspecto, o adulto tem um papel importante na mediação da criança com o meio ambiente e, conseqüentemente, essa relação influencia a construção da identidade da criança e seu desenvolvimento.

Com as transformações que vêm ocorrendo na contemporaneidade, como a saída da mulher para o mercado de trabalho, as mudanças nos papéis de gênero e parentais, entre outras, temos percebido que os papéis de mediadores têm se transformado, uma vez que

pais e mães se veem obrigados a dividir seu tempo entre o trabalho e o cuidado com a casa e os filhos. Com isso, eles procuram ajuda na própria família, buscando novas possibilidades de relações para o cuidado da criança. Os avós, muitas vezes, são convocados para exercer essa função, de forma parcial ou integral, (ARAÚJO; DIAS, 2010). Isso permite o encontro de duas gerações em que o desenvolvimento individual tanto das crianças quanto dos idosos se beneficia, pois essa relação vai além do cuidado.

Segundo Alves (2013), o idoso representa a figura de educador, de conselheiro, podendo servir enquanto espelho ou referência para as crianças. Para Dias (2015), depois dos pais, os avós, principalmente quando vivem próximos e são bem aceitos, se tornam os principais agentes de socialização da criança. Em sua grande maioria, eles têm assumido um papel bastante relevante na dinâmica familiar.

Por sua vez, os avós também se beneficiam do contato com os netos, uma vez que experimentam orgulho, satisfação, sentimento de utilidade e renovação do interesse pela vida. Eles também têm a oportunidade de resgatar possíveis falhas na educação dos filhos, e de alcançar o sentido da transcendência através dos genes, dos valores, dos conhecimentos e das experiências transmitidos aos filhos e netos. Para muitos, o papel de avós lhes permite preencher o anseio de sobrevivência, acarretando, portanto, a aceitação da própria mortalidade (BARROS, 1987; CARDOSO, 2011; DIAS, 1994).

A assistência dos mais velhos às crianças é crescente. Não se trata de prática que ocorre somente nos lares, na lida com os afazeres domésticos, pois, os auxílios dos avós se prolongam para além do cuidado em casa. Eles estão levando os netos à escola, às atividades culturais e de lazer, aos serviços médicos e de saúde periódicos, às campanhas de vacinação, estando também envolvidos no ensinamento das tarefas da escola, entre outras.

A participação dos avós nas escolas de ensino básico pode ser algo ensejado pelo cotidiano na intenção do cumprimento do papel dos pais. Temos conhecimento que cada escola propõe um projeto político pedagógico para orientar o trabalho no ano letivo, entretanto, em que momento questões como a inclusão e ampliação do calendário festivo e pedagógico focalizam a figura da pessoa idosa e/ou dos avós?

Por considerarmos a importância da figura da pessoa idosa na sociedade e, principalmente, seu valor enquanto referência para as crianças na idade pré-escolar, a experiência a ser aqui relatada foi estruturada não só para ampliação do projeto pedagógico institucional, mas, também, enquanto possibilidade de divulgação de estratégias e práticas

exitosas decorrentes da ampliação da participação da pessoa idosa, especialmente dos avós, nas atividades da escola.

Este artigo pretende estudar as problemáticas sinalizadas, começando por analisar alguns pressupostos teóricos, fundamentando-se em pesquisas, livros e artigos, já existentes. Num segundo momento, são apresentadas as situações exitosas vivenciadas em uma instituição privada de educação infantil e que proporcionaram a inclusão dos avós e das pessoas idosas no projeto político pedagógico, assim como a expansão do calendário escolar. No final, são tecidas considerações finais sobre a importância da inclusão da pessoa idosa e dos avós no projeto pedagógico de escolas que atendem crianças em idade pré-escolar.

### **Infância e velhice: uma caracterização**

Palacios (1995) considera que o desenvolvimento do indivíduo ocorre através de etapas, e cada uma apresenta tarefas a serem cumpridas pelo sujeito, ao longo da vida, estando relacionadas também com as circunstâncias culturais, históricas e sociais nas quais o sujeito vive, bem como as experiências individuais.

O conceito de infância já sofreu muitas alterações e até hoje se criam teorizações acerca dele, não deixando de se levar em conta a influência do contexto cultural. Dessa forma, ao tentar conceituar infância e criança é imprescindível levar em consideração a época, o social e a cultura (CASTRO, 2007).

Segundo Silveira (2000), a infância está ligada a um “adultocentrismo”, em que a definição da criança está ligada à família e à escola. Tanto a família quanto a escola são as primeiras instituições responsáveis por inserir a criança na sociedade, demonstrando os papéis que elas vão exercer na comunidade. Com o tempo, esses papéis vão se modificando e, conseqüentemente, os comportamentos, as crenças e a própria concepção que a criança vai ter de si mesma se modificam.

Os exemplos podem ser vistos no percurso da história: a criança já foi vista como um miniadulto, como um ser menor que deveria ser educado, como um ser passivo, como um ser inocente e frágil, entre outros. Dessa forma, é importante destacar que a criança era guiada a partir das perspectivas dos adultos. Ela não era percebida como um ser ativo, autor social que pensa, reflete, discute, argumenta e que é capaz de absorver e criar valores (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014).

No entanto, com o passar dos anos, uma nova visão em relação à criança surgiu. Ela passou a ser vista como um ser ativo na sociedade e a ser o centro de pesquisas

científicas, em que as características típicas da fase infantil passaram a ser consideradas objetos de estudo e observação. Desse modo, há uma preocupação em entender seu comportamento e tudo o que se passa ao seu redor. Dessa forma, de acordo com os novos parâmetros da sociologia da infância, se percebe a criança como um sujeito ativo no encadeamento da sociedade, de modo que se devem levar em consideração as expectativas que elas possuem do mundo (RODRIGUES *et al.*, 2014).

No tocante à sociologia da infância, Corsaro (2005), Delgado e Muller (2005) ressaltam que a sociologia da infância considera a adaptação e a internalização como sendo princípios de socialização, entretanto, defendem que processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças devem também ser considerados. Este pensamento de socialização é reconhecido pelos sociólogos dessa área de estudo, pois demonstra a ideia de que a socialização na infância dá-se enquanto uma interação, ou seja, a criança seria o ator socializado que experimenta o mundo social e, a partir dessa experiência, ela é capaz de modificar esse mundo predominantemente adulto.

O termo infância comumente é classificado como um período, pois que, no discurso científico, há uma durabilidade que demarca o começo e o fim dessa fase relativa de cada sujeito. No entanto, quando se afasta da esfera de constituintes específicos, a infância é remontada enquanto algo que não pode ter fins temporais. Assim, do ponto de vista estrutural, a infância é entendida como uma categoria social permanente (QVORTRUP; CORSARO; HONING, 2010).

Nesse sentido, a infância equivale a uma categoria geracional, igualmente à idade adulta e à velhice, por conseguinte, todas são partes integrantes da sociedade, entretanto, dependentes de padrões da cultura, economia, entre outras. Contudo, elas não sofrem os mesmos impactos, exatamente por estarem em posições diferentes na estratificação social (QVORTRUP; CORSARO; HONING, 2010).

Ainda nesse contexto, destaca-se que as relações entre essas categorias sociais ou fases de vida não são necessariamente de conflitos, pois que as categorias possuem interesses em comum, sendo essas relações intergeracionais importantes para as mudanças sociais. Destarte, o estabelecimento da infância como categoria social elucida a importância, através do processo cultural e histórico, das relações entre os diversos grupos geracionais e também ressalta as diferenças existentes em cada geração (SARMENTO, 2005).

Por sua vez, a velhice também é uma fase que apresenta suas nuances e desafios, sendo cercada de estereótipos. O processo de envelhecimento é biopsicossocial

sendo influenciado pela cultura e condições sociais. O envelhecer é um percurso individual em que as situações, experiência, estilo de vida, e condições sociais e financeiras são relevantes para configurar a forma como cada um percebe e vivencia a velhice (COUTO *et al*, 2009). Em alguns países, como o Japão, o idoso tem papel de destaque, sendo considerado um símbolo de *status* (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), no entanto, ainda há em outros países a imagem de que o idoso é ineficiente para o trabalho, sendo considerado um fardo social.

Dias (2015) pontua que essa nova realidade que se configura no mundo contemporâneo, em que os avós estão participando ativamente dos cuidados com os netos, contesta a concepção de velhice como marcada por dependência e inutilidade, haja vista que muitos avós, além de atuarem na educação dos netos, participam na economia familiar, principalmente nos custos relacionados aos netos.

Existem movimentos de combate ao “idadismo” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), ou “ageísmo” (COUTO *et al.*, 2009), ou seja, o preconceito em relação às pessoas mais velhas, sobretudo, porque o número de idosos e a expectativa de vida estão crescendo na sociedade, o que tem dado visibilidade a essa população. Consequentemente, a imagem do idoso como um ser indefeso e até mesmo incompetente, vem dando lugar à de uma pessoa dinâmica, habilidosa e útil.

Muito dessa nova imagem se deve à influência da cultura em que vivemos, onde a prática de exercícios físicos e o bem-estar são valorizados. Com isso, o estilo de vida de muitas pessoas mudou e permitiu que se chegasse à velhice de forma saudável. No entanto, vale salientar que ainda existe uma discrepância no que diz respeito à saúde, visto que a classe social atua de forma direta na perspectiva de saúde e bem-estar do idoso (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). O incentivo à mudança de rotina, à prática de atividades tanto de teor físico como cultural, tem contribuído para uma maior valorização do idoso na sociedade, pois seus valores estão mudando, assim como seus costumes e rotinas.

Além disso, é relevante criar redes de apoio, pois elas são essenciais para a preservação da saúde emocional do idoso ao longo dessa fase da vida. Essas redes permitem que os idosos criem novos contatos sociais, recebam apoio emocional, adquiram respeito e sejam capazes de obter um sentimento de pertença e até mesmo de identidade em relação à rede. Além disso, as redes de apoio vão permitir assistência para aqueles idosos que possuem deficiências físicas e perdas sociais (NERI, 2008).

Com o aumento da expectativa de vida e da qualidade de vida ainda há uma parte dessa população que por questões físicas, cognitivas, econômicas e até mesmo de abandono, depende dos cuidados e assistência de terceiros ou de asilos, hoje denominados Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). No Brasil, a criação de asilos e instituições de assistência aos idosos demorou a se concretizar, haja vista que, no país, outras formas de instituições, como as creches, surgiram primeiro (KUHLMANN JR., 1998).

### **As instituições educacionais infantis: um pouco de história**

A partir de um conceito assistencialista, no século XX, as instituições educacionais infantis foram tomando maiores proporções entre as camadas pobres como forma de auxílio aos operários e de intervir na educação da família, em que o Estado não intervia diretamente, mas sim nas entidades. Com isso, surgiram as escolas maternas, o jardim- de- infância, inspiradas nos parâmetros de *Froebel*, na Alemanha, e as creches e pré-escolas para crianças de 0-6 anos que, depois de muitos anos, foram incorporadas ao sistema educacional sendo reconhecidas como parte importante da educação fundamental (KUHLMANN JR., 1998).

No Brasil, a criação de creches, jardim de infância, ou escolas maternas são fruto de uma influência europeia e americana tendo surgido com o 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, realizado no Rio de Janeiro, em 1922, e, motivada pelo 3º Congresso Americano da Criança, que orientava que a criança deveria ser educada pelos moldes americanos (KUHLMANN JR., 1998).

Tais instituições de educação infantil foram importantes enquanto auxiliares na minimização dos problemas sociais, pois possibilitaram que as mulheres tivessem oportunidade de trabalhar, sabendo que deixavam seus filhos em segurança. Dessa forma, as instituições educacionais foram, aos poucos, saindo do caráter assistencialista e assumindo um teor político, em que se misturavam a luta por uma educação pública e democrática com a luta das mães pelo direito ao trabalho. Assim, também a classe média passou a buscar as instituições educacionais havendo uma expansão do atendimento educacional das crianças em creche que agora não se limitava apenas aos pobres (KUHLMANN JR., 1998).

A preocupação quanto à higiene e demais cuidados físicos foram tomando conta também da esfera educacional, em que serviços como assistência (Médica, odontológica, vacinas), alimentação e os cuidados de higiene apareceram como demandas, apesar de uma forte resistência por parte de alguns pedagogos por achar que essa apreensão



ameaçaria o caráter educacional das instituições (KUHLMANN JR., 1998). No entanto, a ideia de inseparabilidade entre os cuidados com a criança e a educação está entrelaçada até hoje. Ainda segundo o referido autor, o acompanhamento à criança na idade escolar começou a se voltar não apenas para a saúde física, mas também se passou a considerar que o desenvolvimento perpassava pelos aspectos da cultura, das brincadeiras infantis, das atividades lúdicas e recreativas.

Nessa perspectiva, as escolas compreenderam que poderiam ser um ambiente de inclusão social e uma excelente oportunidade para partilhas. A sociedade tinha um discurso de exclusão, em que rótulos de “normalidade” e “anormalidade” eram impostos às pessoas como uma forma de medir e comparar sua eficiência. Em contraposição a esse conceito de exclusão, surge dentro das instituições educacionais um movimento de negação dessas diferenças no convívio social, de forma a aumentar a integração dos apartados na sociedade (DORZIAT, 2010).

Com efeito, a fim de estabelecer uma inclusão das crianças ditas especiais com as crianças típicas, verificou-se a propagação do conceito de escolas voltadas para sua inclusão. Além disso, as escolas, principalmente da Europa, começaram a trabalhar com a possibilidade da inclusão intergeracional. A ideia é aproximar as gerações a fim de mostrar que essa relação é saudável para ambos, principalmente para os idosos que, muitas vezes, são excluídos de atividades na sociedade (ROSA, 2012).

O envolvimento dos idosos no contexto escolar se dá através da participação deles em atividades dentro da sala de aula, como contadores de histórias, dividindo tarefas com as crianças, cuidando. Essa partilha de atividades é importante, pois o idoso pode ser considerado um símbolo de sabedoria e experiência, valores imprescindíveis como influência do desenvolvimento infantil, pois os idosos são modelos para a transmissão de costumes e conhecimentos para as crianças, além de servir como modelos de comportamentos (ROSA, 2012).

Dorziat (2010) sugere que o estabelecimento de práticas pedagógico-culturais desde cedo, nos níveis de Educação Pré Escolar e de Ensino Fundamental, é de fundamental importância para uma mudança de concepção de aprendizagem. Os estudantes precisam estar inseridos em ambientes ricos em troca de experiência, para que o conhecimento flua e possa fazer sentido para eles. Certamente o fato de apenas estar em ambiente avaliado enquanto “normal” será escasso para desenvolver práticas adequadas. É preciso que sejam estabelecidos intercâmbios reais professor-criança, criança-criança,

conhecimento-criança e, em decorrência, deem-se as negociações de sentido de cada realidade, pois, sem a observância desse critério, estaremos promovendo uma pseudoinclusão.

Essa oportunidade de incluir os idosos nas escolas, além de resgatar um sentimento de produtividade no idoso, traz também para eles um sentido de respeito e reconhecimento. Além disso, essa troca permite que o idoso aprenda com as crianças e com os jovens a lidar com os novos hábitos, conhecimentos e tecnologias que estão presentes na dinâmica da sociedade.

### **Planejando a inclusão dos avós e das pessoas idosas na escola**

O presente estudo é de caráter descritivo e qualitativo. É composto por uma amostra intencional, endossada consecutivamente por Minayo (2000) e Gil (2009), que citam que, na escolha de um extrato da população (grupo estabelecido de elementos que detém determinados atributos), com base nos dados e informações disponíveis, possa ser avaliado enquanto universo representativo a ser estudado, avigorando o aprofundamento da compreensão desse subgrupo.

Corroborando o exposto por Minayo (2000), a abordagem qualitativa não se ampara no critério numérico para assegurar sua representatividade, mas, no aprofundamento e abrangência da compreensão dos sujeitos da pesquisa. Gil (2009) ratifica ainda que a amostra intencional exige do pesquisador significativo conhecimento da população eleita e do subgrupo selecionado.

Para a coleta de dados, foram realizadas rodas de debate com a coordenação pedagógica e com os professores do ensino básico e, em seguida, foram acompanhadas as ações para ampliação do projeto pedagógico da escola, visando à valoração da pessoa idosa e dos avós nas atividades e no calendário extenso.

O trabalho de campo lançou mão da observação – de inspiração etnográfica – que considera aspectos do cotidiano no território por meio de visitas ao local de sociabilidade (escola): vivenciamos 04 reuniões com a coordenação pedagógica; 08 visitas à escola, realizadas no período de junho a dezembro de 2014; no final do mês de junho foi disseminada na escolinha a data comemorativa ao dia dos avós, comemorada em julho, e no dia 27/06 foi então marcada a visita dos avós das crianças à escolinha. Foi feita uma visita a uma Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI), localizada no mesmo bairro, no dia de comemoração internacional do idoso (01/10), data essa estipulada pela Organização das

Nações Unidas; no mês de dezembro as crianças receberam a visita desses mesmos idosos residentes na instituição de longa permanência que fora visitada.

Foram realizadas entrevistas com as professoras visando à exploração de materiais escolares atinentes ao tema da pessoa idosa. Os dados recolhidos foram sistematicamente organizados em diários de campo e relatórios de visita descritivos.

Partimos para a investigação a partir da análise dos livros paradidáticos adotados na escola. Queríamos saber se a escola já reconhecia a importância da temática do idoso. Foi importante definir quais linguagens poderiam ser utilizadas nesse processo de aprendizagem e quais sentidos seriam aguçados nas crianças. Depois do levantamento, formulamos princípios-guia para o estudo e a estruturação das atividades para inclusão da figura do idoso e dos avós nas atividades planejadas do segundo semestre, ano de 2014. Tais atividades estavam relacionadas ao Projeto Pedagógico Institucional: “Conhecendo o ser humano da cabeça aos pés – princípios para a diversidade e a inclusão”.

A análise dos dados foi feita primeiramente por meio de retratos sociológicos (LAHIRE, 2004), o que possibilitou o respeito às singularidades, ao passo que também permitiu constituir comparações, propiciando a apreensão de regularidades e padrões comuns. A apreensão desses padrões possibilitou a proposição da ampliação do projeto pedagógico visando à inclusão da figura da pessoa idosa e dos avós das crianças, concomitantemente ao fortalecimento dos grupos de pais em razão de suas relações com a escola e de suas práticas e esforços educativos.

### **Vivenciando estratégias exitosas**

Criamos estratégias para colocar os educadores e as crianças em contato com os conhecimentos acumulados, sejam advindos da família, dos livros ou de suas vivências e protagonismo social. Visamos dar ênfase aos ciclos vitais do ser humano, à diversidade social, ao protagonismo social e aos direitos humanos, principalmente no tocante a questões de inclusão social. É importante destacar que o Projeto Político Pedagógico da instituição, no que se refere à formação de seus profissionais, incluiu a formação teórico-prática. Focamos na criação de atividades que contemplassem o ser integral, buscando favorecer a apropriação de conhecimentos com estudos e reflexões. Houve, pois, o ensaio de uma formação teórico-prática como fundamento de uma metodologia que acolheu a inclusão da pessoa idosa nos bancos e pátios da escola.

A metodologia desenvolvida no projeto contemplou experiências com múltiplas linguagens, como as histórias, o uso do livro paradidático, a música, o cinema, a pintura, as imagens, entre outras. Assistimos à animação “*Up! Nas alturas*” – Dos Estúdios *Disney / Pixar*, potencializando as discussões: quem é a pessoa idosa, quantos idosos você conhece, quantos anos você acha que ele tem, quantos avós você tem e quanto costuma visitar ou realizar atividades com eles. A animação narra a estória de um idoso viúvo que planeja viver uma aventura na América do Sul. Ele conhece um menino de 10 anos, que é escoteiro e amante da natureza. Eles viajam juntos para um lugar paradisíaco de difícil acesso e uma convivência que teria tudo para ser conflituosa, pois o velho estava acostumado com a solidão, ganha contorno de parceria e confiança: a criança cita em alguns momentos a tristeza de não compartilhar de momentos destes com o pai. O idoso fica se perguntando como aquilo ocorria. O enredo da aventura é típico de uma saudável e fértil interação entre criança e avô.

Sob esse prisma e, corroborando com o cerne da discussão em questão, Falchetti (2009) cita que a educação, analisada enquanto condutora do conhecimento para a formação humana, ocorre no espaço público para o qual devem concorrer as propostas que reconciliem a escola com a sociedade e, desta com a escola, abrigando a inclusão de todos enquanto sujeitos de sua autonomia, na manutenção de suas crenças, valores e individualidade.

No tocante ao livro paradidático sobre a temática dos idosos adotado pela escola - Guilherme Augusto Araújo Fernandes - escrito por Mem Fox, destacamos o importante papel deste, uma vez que, quando trabalhado com as crianças, passou a despertar mais curiosidade sobre o assunto e fez com que elas pudessem fazer comparações sobre visitas aos avós, compartilhar tarefas, o que gostam de fazer com eles, entre outras.

Quando da proposição de visitação aos idosos na ILPI, vivenciamos a experiência inicial de curiosidade por parte de alguns pais e mínimas negativas quanto a esta atividade. Nesse sentido, ao buscarmos desmistificar a ação, informar os responsáveis implicados, explicar o porquê da atividade e ouvir os motivos das negativas lidamos com discursos que consideramos que permeavam o imaginário de relações não tão bem sucedidas com a figura dos avós, isto é, ouvimos o relato de um casal que não autorizou a visitação porque não achava a atividade saudável.

Procuramos ouvir mais esses pais e assim a mãe reconheceu que não gostava de pessoas velhas porque tivera experiências muito ruins com a avó que batia nela

recorrentemente e a deixava de castigo sem aparente motivo. Outros dois casos de falta de adesão à visita ocorreram porque os pais acreditavam que a visita de crianças a esse local propiciaria o contato com vírus e/ou doenças infecto contagiosas. A outra falta de adesão ocorreu porque a mãe da criança preferiu não contrariar o pedido da própria filha ao ser indagada sobre o passeio. A mãe da criança de cinco anos informou que ela tem evidente limitação no contato com os mais velhos e já referira medo: esta mãe relatou ainda que a criança não tem contato com pessoas mais velhas em seu convívio porque o pai é estrangeiro e a mãe tem pais falecidos. Não obstante, ratificamos Lahire (2004), em especial quando endossa a ideia de que as “influências” variadas que o ator recebe devem ser mobilizadas para compreender escolhas e decisões.

Diante desses aspectos, a direção pedagógica acolheu os depoimentos informando que seriam planejados e, posteriormente, seriam sugeridos, momentos para lidar com essas demandas atinentes ao relacionamento familiar e social mais amplo. Evidenciamos que algumas crianças, por diferentes motivos, não têm convívio com os seus avós e/ou com a figura da pessoa idosa. Nesse sentido, alguns pais procuraram a direção da escola para parabenizar pela iniciativa de inclusão dos avós e da pessoa idosa tanto no projeto político pedagógico, quanto no calendário escolar extenso.

Destarte, aludimos mais uma vez a Dorziat (2010) que, sob a perspectiva da inclusão, reforça que incluir é, essencialmente, proporcionar o enriquecimento humano, por meio da aproximação de culturas e de diferentes expressões do pensamento. Uma inclusão que considera aceitável desprezar e inibir o acesso ao conhecimento e à cidadania contraria os próprios princípios educacionais.

Ainda sobre as experiências de ampliação e valorização da figura dos idosos, mesmo tendo sido preparadas para as atividades, poucas crianças se sentiram inicialmente inibidas. Depois, com o avanço das atividades e, principalmente, quando da ocasião de visita à escola pelos mesmos idosos residentes na ILPI visitada, observamos olhares de curiosidade e uma participação ativa. Elas se mostraram atentas e interessadas em brincar, em cantar, em apresentar seus espaços de brincadeiras aos idosos e ambos se mostraram ansiosos pela vivência.

Os educadores demonstraram que alargaram sua compreensão acerca da importância da inclusão social do idoso no ambiente escolar, de tal modo que planejaram não só brincadeiras e material didático de apoio, como também ampliaram as atividades da temática no projeto político pedagógico do corrente ano.

Assim, importa-nos referenciar Lima (2005) quando enfatiza que a visão do professor enquanto sujeito, que se apropria do conhecimento e o reproduz em sua atuação na prática docente, esboça seu espaço de educação na prática docente e de transformação humana, pois lhe é depositada a esperança enquanto agente de mudanças na escola e numa sociedade mais justa.

### **Considerações finais**

Evidenciamos que as relações entre os idosos e as crianças são importantes para um bom desenvolvimento emocional, tanto da criança como do idoso. Isso pode ser exemplificado nos resultados desta experiência, em que as crianças mostraram curiosidade e interesse em socializar com os idosos. A convivência com os idosos gera nas crianças uma relação de compreensão e de respeito aos mais velhos e as insere em questões importantes como os direitos humanos.

Além do mais, a participação do idoso nas atividades escolares gera um sentimento de reconhecimento e bem-estar a ambos, idosos e crianças. O apoio social e a inclusão dos idosos só acontecem de forma saudável e bem sucedida quando a sociedade tem ciência da importância dessa população para a transmissão dos conhecimentos de um povo. Desse modo, para se adquirir esse conhecimento, é preciso ensinar às crianças, desde cedo, a partilhar e respeitar os mais velhos.

Por fim, infere-se que a presente experiência e a metodologia adotada podem contribuir tanto para a aproximação de educadores, pais e público em geral com a temática, quanto para a busca de perspectivas de ação no campo da inclusão e do apoio social ao idoso. Também serve para disseminar a ideia de uma participação ativa dos avós nas escolas. O presente trabalho indica ainda que as crianças aprendem e reconhecem as características das diferentes idades e esse conhecimento pode servir como condição essencial ao exercício pleno da cidadania e do apoio social ampliado contribuindo para uma sociedade democrática, inclusiva, justa e equânime.

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, S. M. M. *Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos*. Dissertação de Mestrado. Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Mestrado Acadêmico em Política e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

ARAÚJO, C. P.; DIAS, C. M. de S. B. Avós guardiões de baixa renda. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v.4, n.2, p. 229-237, 2010.

ARAÚJO, S. B. Avaliação da qualidade em creche: o bem-estar e o envolvimento da criança como processos centrais. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v. 25, n. 3, p. 100-115, 2014.

BARROS, M. L. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1987.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 09/03/2015.

CARDOSO, A. R. *Avós no século XXI, mudanças e rearranjos na família contemporânea*. Curitiba: Juruá, 2011.

CASTRO, M. G. B. de. *Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções*. São Paulo. 2007. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04\\_02.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf) Acesso em: 15 abr. 2015.

CORSARO, W. The sociology of childhood. In. DELGADO, A. C. MÜLLER, F. *Sociologia da Infância: pesquisa com crianças*. Dossiê Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças. Educação e Sociedade. Campinas. v. 26, p. 351-360, maio/ago. 2005.

COUTO M. C. P; et al. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro – ageísmo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB. Impresso)*, v. 25, p. 509-518, 2009.

DIAS, C. M. S. B. A importância dos avós no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.10, p.31-40, 1994.

DIAS, C.M. S. B. As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades. In. FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos*. Rio de Janeiro. PUC-Rio/Perspectiva, 2015, p. 93-102.

DORZIAT, A. Implicações da globalização na política de inclusão escolar: reflexões para além de inclusão enquanto inserção física. *Temas em Educação*, v.18/19, n. 1/ 2, p. 88-113, 2010.

FALCHETTI, S. *Formação do professor em educação inclusiva: um estudo de relação teórico/prática*. Dissertação de Mestrado. Curso de Mestrado em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES-PEDRO, J. O que é ser criança: Da genética ao comportamento. *Análise Psicológica*, v. 22, n.1, p. 33-42, 2004.

KUHLMANN JR., M. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAHIRE, B. *Retratos sociológicos*. Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. (Trad. Manuel Dias Duarte). Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIMA, N. S. T. de. Inclusão e identidades: novos tempos, velhas fronteiras. In: FLEURY, H. J.; MARRA, M. M. (Orgs.). *Intervenções grupais na educação*. São Paulo: Agora, p. 67-91, 2005.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2000.

NERI, A. L. *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

PALACIOS, J. Introdução à psicologia evolutiva: história, conceitos básicos e metodologia. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, 1995.

PAPALIA, D.; OLDS, S. W. ; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

QVORTRUP, W. A. CORSARO, W. HONING, M. S. The Palgrave handbook of childhood studies. England: Macmillan Publishers Limited, (Trad. Giuliana Rodrigues). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n.2, p. 631-643, 2010.

RODRIGUES, A. S; BORGES, T. P. F; SILVA, A. S. “Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v. 25, n 2, p. 270-290, 2014.

ROSA, L. *Projeto em intervenção em saúde comunitária: “Baleizão - Aldeia amiga das pessoas idosas”*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem Comunitária, Instituto Politécnico de Beja, Escola Superior de Saúde, Beja, Portugal, 2012.

SARMENTO M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. Dossiê Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças. *Educação e Sociedade*, v. 26, n.91, p. 361-378, 2005.

SILVEIRA, J. C. da. *Infância na Mídia: sujeito, discurso, poderes*. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), 2000.

Recebido em abril de 2015.

Aprovado em outubro de 2015.